Notas

Um dos desafios é fomentar a confiança mútua entre donos de veículos e locatários. Outro, a resistência das seguradoras em permitir que o proprietário receba dinheiro pelo uso de seu veículo, começa a ser vencido. Uma lei que esclarece que essa modalidade de compartilhamento não constitui uso comercial do veículo acaba de ser aprovada na Califórnia. – ***por Flavia Pardini***

[ARQUIPÉLAGO DE MARAJÓ]

Mensagem na garrafa

Um lugar por onde passa um quarto da água doce fluvial do planeta. O maior arquipélago fluviomarinho da Terra é brasileiro, localiza-se no estuário dos Rios Amazonas e Tocantins, abriga 300 mil pessoas em 12 municípios e pede ajuda.

Considerado uma das mais importantes zonas úmidas tropicais do mundo, riquíssimo em biodiversidade, o Arquipélago do Marajó padece de falta de áreas protegidas, economia estagnada, patrimônio cultural ameaçado e péssimo quadro social. Lá, onde 90% da população é pobre ou miserável e 80% dos adultos são analfabetos, grassam a violência, a saúde precária, o trabalho e a prostituição infantis.

Uma campanha para resgatar a riqueza social, cultural, ambiental e econômica da região acaba de ser lançada no Pará. O Instituto Peabiru foi convidado pelo Fundo Vale (ONG da Vale do Rio Doce) a traçar um plano de recuperação, que contempla a candidatura de Marajó a Reserva da Biosfera, lançada pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente.

João Meirelles Filho, presidente do Peabiru, explica que o título, a ser concedido pela Unesco, significa a criação de unidades de conservação de proteção integral e permite avanços no Zoneamento Ecológico-Econômico regional. "Isso deve atrair atenção para o turismo e para produções sustentáveis, como a do açaí e da pecuária verde", diz.

A sociedade pode participar desse resgate. A Rede Viva Marajó da Sociedade Civil (www.vivamarajo.org.br) permite a colaboração como voluntário, doador ou ciberativista. – ***por Amália Safatle***



[DIREITO DOS ANIMAIS]

Mata e mostra o pau

Ganhador do Oscar 2010 de melhor documentário, o filme *The Cove* revelou um esquema secreto de matança de golfinhos na vila japonesa de Taijin e deu início a uma campanha mundial para forçar as autoridades daquele país a coibir a caça. Em agosto, o prefeito da cidade, Kazutaka Sangen, concedeu uma rara entrevista exclusiva à *Associated Press* e garantiu que nada deve mudar.

Em Taijin, mais de 20 mil desses animais são mortos todos os anos. No filme, há tomadas aéreas que mostram enseadas completamente vermelhas de sangue. Katuzaka justifica a prática pelo ponto de vista cultural: "Nós vamos transmitir a história de nossos ancestrais para as próximas gerações e temos orgulho disso. Não vamos mudar os planos para a cidade com base em críticas estrangeiras".

Trate-se de um debate ético conturbado. Em contraposição àqueles que defendem o respeito às diferentes culturas locais, cientistas e ativistas argumentam que a extraordinária *inteligência dos golfinhos* faz deles os seres mais parecidos com os humanos em todo o reino animal. Acredita-se que tenham sua própria linguagem, um forte senso de comunidade e são os únicos animais selvagens de que se tem registro a participar do resgate de humanos em situações de perigo. É o caso do campeão de surf David Rastovich, salvo por um golfinho do ataque de um tubarão.

Por estarem no topo da cadeia alimentar, a carne comercializada para consumo humano também contém altas taxas de mercúrio, um dos poluentes dos oceanos. Via de regra, a cada novo degrau da cadeia marinha, a concentração de toxinas aumenta em 10 vezes. O filme *The Cove* ainda não estreou no Brasil.

– ***por Carolina Derivi***